

# Sôbre a predicabilidade do Antigo Testamento

## Possibilidade e necessidade

O tema, caso não se queira entendê-lo como uma banalidade evidente, mas sim, como uma tarefa que cabe ao teólogo, requer antes de mais nada uma breve reflexão sôbre a situação com respeito à compreensão do Antigo Testamento, a qual encontramos em nossas comunidades. Esta reflexão só pode ser muito suscinta e forçosamente haverá de tomar em bloco alguns detalhes, sem que pretenda ser completa, sobretudo, em vista dos múltiplos matices na compreensão do A.T., condicionados pelos preconceitos entre aquêles aos quais se endereça a nossa pregação. A guisa de uma reflexão teológica, porém, ela precisa ser arriscada, não apenas por causa do esclarecimento dos fatos, mas porque através dela, realiza-se mais uma vez, em nós, estruturalmente o mesmo processo de confrontação hermenêutica o qual temos que efetuar depois na pregação, seja qual fôr a forma, o lugar e a comunidade, em que é apresentada.

É inútil iludir-se quanto ao fato de que o A.T. para a maioria, sobretudo dos membros mais idosos de nossas comunidades permaneceu até agora um livro fechado. E por mais que as assim chamadas Igrejas "jovens" da Ásia, da África e da América lhe dediquem interêsse muito mais intensivo no plano, por assim dizer, existencial, por mais que nas prédicas de Lutero sôbre o A.T., se repetisse de fato mais uma vez o evento histórico da identificação do agir de Deus com Cristo na forma da comunidade cristã primitiva, é, todavia, preciso constatar que o juízo negativo que acabamos de pronunciar, é válido, em alta escala, também para o teólogo normal no âmbito do luteranismo até os nossos dias. Afora algumas referências tradicionais que, a rigor, só podem ser chamadas de decorativas (como p. ex. o decálogo pelo catecismo de Lutero ou a interpretação isolada de um trecho arbitrariamente tirado de Isaías 53, na liturgia da Sexta-feira Santa, referências, tôdas elas, que não falam realmente por si mesmas) deve ser dito que o A.T. não apenas — conforme expressou um entendido — silencia na maioria dos púlpitos, mas também não fala aos corações.

A pregação oportuna sôbre textos de perícopes prescritos, os quais observa em caso normal, ou a linha da predição simplista (segundo o modêlo: profeta metereológico) ou ainda mantém a

do contraste contraditório (“ a mensagem do N.T. torna-se ainda mais bela quando se apercebe quão terrível era tudo naquele tempo, segundo o A.T.”), não muda nada, porém, ainda confirma êste juízo, respectivamente êsse fato. Perguntamos: Quais são seus motivos?

Não gostaria e não posso discutir aqui a herança histórica do nazismo resp. do anti-semitismo, que sem dúvida poderia ser citado nêsse contexto. Apenas seja mencionada, como primeiro motivo, sua componente teológica, no sentido da nossa questão: a opinião básica de que o A.T. é um livro de história “dos judeus”. Êste preconceito existente em multiformes variações não precisa fundamentar-se, necessariamente, em tendências antissemitas. Pode, sim, resultar, justamente, no caso do teólogo e do membro da comunidade interessados, do sentimento e da compreensão da distância histórica, por ocasião de uma primeira ocupação com o A.T. a qual, antes de tudo mais, lhes traz à consciência a estranheza remota de seus ouvintes e destinatários, de sua linguagem, suas imaginações e seus materiais e que com respeito histórico, por assim dizer, se nega a impor resp. imputar, sem mais nem menos, as nossas idéias e associações a um mundo de idéias e representações que em muitos casos remonta a mais de 2.000 anos. A partir daqui é apenas um pequeno passo até a visão do Iluminismo, baseada no estudo histórico-comparativo das religiões, a qual ainda de maneira alguma superamos em nosso tempo e em nosso país, mas com a qual, justamente esbarramos em cheio. Considerando honestamente, o A.T. tem para nós o mesmo grau de interesse (mas também “existencial”), que ocupam para nós as culturas enterradas do Egito, da Mesopotâmia, dos Incas e dos Maias. O que eventualmente vai além disso, é o fenômeno religioso histórico de um monoteísmo ético que descobrimos em algumas passagens do A.T., e então monopolizamos contra as proporções observadas pelas próprias tradições vetero-testamentárias; encontramos nêle precisamente a imagem de Deus, que manipulamos a partir do N.T. — ou, melhor dito, após o N.T., a partir da nova concepção moderna de Deus, corrigidora, ou seja genuinamente canônica. Aprendemos, é verdade, — desde Marcião até Hitler — esporadicamente que o teólogo evangélico e que a Igreja não abandonam o A.T. impunemente.

Por isso construímos — como igualmente foi tentado desde há sempre na história da teologia — pontes, construções auxiliares destinadas a manter coesos, a “grampear”, por assim dizer de fora o A.T. e o N.T. e, sobretudo, a nossa existência da fé. Quando — para dizê-lo com acento exagerado — não citamos, oportunamente e sem a mínima reflexão “versículos prediletos” do A.T. construímos tais pontes que se estendem desde o enquadramento do A.T. como “história do fracassar” (Bultmann) e “letra da lei que mata” (suposta opinião de Paulo) até a redução rigorosa — compreendida positivamente — da autoridade do texto do A.T. aos motivos messiânicos de Israel (W. Fischer) o que seguramente representa

uma importante voz, mas uma só no côro dos testemunhos da fé que nos são transmitidos no A.T.

Justamente quando se chega a uma compreensão sincera da inautenticidade destas construções auxiliares, da desintegração efetiva do A.T. na teologia e na igreja não se deve admirar que por um lado o A.T. é abusado em nossos dias sempre de nôvo como um livro de figuras para o filme-monstro religioso (interessante é que se procede com maior cautela em relação, ao N.T.; um produtor disse-me certa vez que ousaria lançar mão do N.T. somente após ter-se esgotado todo material sensacional do A.T.), ao passo que por outro lado, a descoberta mais recente do A. T. consiste em uma ideologização isolada de todo o contexto histórico do povo de Deus no A.T., da “mensagem social” dos profetas.

Estou certo de que a Teologia e a Igreja aqui têm, com referência a sua atitude para com o A.T., maior responsabilidade pelas conexões mencionadas do que até agora foi descoberto. Os homens entre si possuem um sentimento sutil pela possibilidade, pela usurpação, primeiramente tácita e depois aberta, de posições espirituais-intelectuais e espirituais-pneumáticas, as quais o outro ou os outros já abandonaram interiormente, como aliás, em alto grau a Igreja ao A.T. Também a construção metafísica, apenas supostamente teológica, da Escola de W. Pannenberg com sua premissa conceitual da “historicidade” ou também uma tipologia exagerada, não muito distante da pura alegorese da Igreja Antiga — ao menos como princípio a ser aplicado exclusivamente no encontro com o Antigo Testamento — aqui não adiantaram muito. Talvez tenhamos de tirar justamente desta perplexidade teológico-sistemática a conclusão de que — se, em caso contrário, não se é obrigado a por sinceramente todo o A.T. inteiramente de lado — se deveria ao menos primariamente desistir, antes de tudo, de toda e qualquer construção auxiliar: A.T. — N.T. e sem timidez enfrentar, justamente também como homens pós-neotestamentários, por trabalho exegético esmerado e na confiança no Espírito de Deus, os textos vetero-testamentários *em sua multiplicidade* e, sempre assim, como na verdade são.

Chamou-me atenção, meus amigos, que sempre onde a discussão de princípios sobre a relação de ambos os Testamentos e a “necessidade” do A.T. assume forma mais veemente e são tomadas posições decididas, lá se chega, bem proporcionalmente, sempre menos à discussão real e leal para os testemunhos vetero-testamentários nos detalhes. Uma objetivação clássica encontra, positivamente, êste estado de coisas peculiar na estrutura do II volume da Teologia do A.T., de G. von Rad, ou mais exatamente, na terceira parte principal deste volume, onde, em princípio, se trata da legitimidade da pregação de textos vetero-testamentários na Igreja de Cristo de nossos dias. Neste ponto sempre se criticou de novo a G. von Rad pela surpreendente falta de sistemática na exposição de princípios que, por assim dizer, ultrapassem o A.T., para a pre-

gação dos testemunhos e pontos de partida de infinita variedade, os quais seus textos oferecem com justa razão (Ev. Teol., 1969, p. 289), se von Rad talvez, não seja exegeta e sistemático demasiadamente qualificado para aqui sistematizar o que segundo sua natureza não pode ser sistematizado.

Compreendam os senhores, que aqui não se fala em favor da autorização do A.T., nem é feita da necessidade uma virtude. Mas sim: sempre quando o A.T. quer dar testemunho da intervenção graciosa na história humana de maneira mais variada, então devo defrontar-me novamente com esta intervenção e transmití-la a outros, p. ex. pondo-me ao lado de um Abraão, de um Amós que não admite compromissos, e de um Jeremias em desespero, sem *happy-end* biográfico. Não devo apenas transmití-la através de um revivescimento psicológico, mas confrontar-me também com o comentário e a primeira prédica das testemunhas conhecidas ou desconhecidas, com e mediante as quais foram transmitidos a nós outros, os testemunhos dos homens primeiramente mencionados. P. ex. com o Javista que encara o caminho de Israel em toda exclusividade; dêste escritor desconhecido que demonstra na figura de Jonas que no confiar na bondade de Deus está o futuro do homem, sem insistir na ortodoxia religioso-dogmática. E êste sempre nôvo confronto posso realizar como alguém para o qual o agir de Deus *eph-hapax* (uma vez por todos) é, historicamente, posto de nôvo em vigor sem a atormentadora e penosa pergunta intronética: Onde é que Cristo tem vez neste texto? Ou: acaso harmonizam as normas dogmáticas e éticas daquele tempo com as de hoje? Essa pergunta não deve onerar minha exegese de textos do A.T., primariamente porque a única continuidade entre os dois testamentos consiste no atendimento e na fidelidade de Deus dispensados a sua criatura humana, de forma histórica sempre atual, mas um equilíbrio sistemático, que, em princípio, estaria, por assim dizer, acima do A.T. e N.T., não nos é mais possível justamente por motivos teológicos. Mas ainda: querer obstinamente obtê-lo significaria tanto desprezar a situação histórica das testemunhas vetero-testamentárias como tais, bem como abandonar a nossa existência escatológica a partir de Cristo e para Cristo; procedendo assim, o A.T. é desintegrado desde o início, tornando-se uma espécie de história religiosa ou seja uma dogmática pró ou contra.

Permitam-me que procure explicar mais uma vez êsse, como me parece, conhecimento básico para a pregação de textos do A.T., com outras palavras. Desde há um certo tempo para cá não travo mais discussões sôbre temas semelhantes a êsse: "A relação do A.T. com o N.T." ou: "A necessidade do A.T. na Igreja hoje". Caso essas perguntas sejam formuladas, expressa ou implicitamente, neste sentido (o que acontece sempre de nôvo), respondo interpretando um ou mais textos do A.T. e atribuindo valor, antes de tudo, à apresentação de sua história exegética até o presente, p.ex. segundo a tese que Eberhard Jüngel formulou certa vez da seguinte maneira: o trabalho hermenêutico no texto efetua-se assim que o

exegeta é aferrado tanto tempo ao texto, até que este fale e o exegeta se cale. E mais: O exegeta cala-se somente enquanto escuta o texto (cfs. E. Jüngel, Predigten, München, 1968, S. 140).

Pelas mesmas razões não costumo dar, além dos exercícios no pré-seminário da Faculdade, temas para trabalhos semestrais, como p. ex. temas de tendência fenomenologizante, como: "pecado no A.T.", ou outros. Mesmo se um dia tornarem-se necessárias "temáticas" topologicamente enfeixantes dessa linha, dou máximo valor, na conferência preliminar, à estrutura indutiva do trabalho por exegeses textuais relacionadas à causa. Essa correlação sistemática que não mais pode permanecer despercebida, entre os dois Testamentos, por assim dizer num terceiro lugar, qual seja no cristão como exegeta, torna evidente que o mesmo pode e deve ser afirmado no lugar do exegeta do N.T., se, nessa parte, não queremos novamente cair no historicismo. Realmente, uma série de novos estudos no âmbito da disciplina do A.T. evidenciam, sem ruptura e quase sem serem presas à divisão da Bíblia, importantes linhas teológicas que conduzem do A.T. ao N.T. e ao mesmo tempo vice-versa. Pretendi, sobretudo, pelas observações precedentes dirigir a vossa atenção para o fato de que esta correlação mútua dos dois Testamentos como base integrada e integrante de nossa pregação, tem relevância imediata para o *método* do preparo dos textos individuais para a preparação da pregação. Do que foi dito segue claramente que agora não lhes posso oferecer artigos preciosos de qualquer espécie, princípios que abrangessem por assim dizer A.T., N.T. e a nossa situação, para a pregação de textos do A.T. hoje. Também não sob o chavão "interpretação existencial", com o qual se tenta, na teologia moderna, novamente apresentar um princípio básico. Justamente isso significaria, como disse, abandonar o suceder histórico-escatológico, no qual encontramos os *textos e a nós*, e institucionalizar o espírito vivo de Deus em forma de princípio exegetico infalível. Muito antes deveria apresentar agora, texto após texto, em exegeses conjuntas. Mas onde começar e onde terminar? E como evitar o perigo de que, como é freqüente, um exemplo seja arrancado do contexto e compreendido como paradigma e não como um pedaço de pão de cada dia? Assim gostaria, a título de introdução da nossa discussão seguinte, escolher outro caminho que deve evitar os perigos mencionados, mas ao mesmo tempo contribuir um pouco, no sentido da relação imediata entre a avaliação teológica de textos do A.T. e o método de sua pregação hoje, para o preparo desta última. Gostaria de mencionar uma série de perguntas que o exegeta consciencioso de textos do A.T. deve dirigir a si, *após* a tradução e a exegese e antes da confrontação com a situação sociológica concreta e atual dos ouvintes; portanto no contexto da meditação são negligenciadas em nossos dias, perguntas essas às quais deveria, se possível, também responder. São as seguintes:

1) Quais os enunciados do texto que devem ser expostos, impreterivelmente, ou com outras palavras: quais os enunciados do texto, que tornam o agir de Deus em Cristo mais evidente ou oferecem até novos aspectos dêste agir como orientação para o homem hodierno?

2) Até que ponto êstes enunciados são ligados a constitutivas históricas do povo da Aliança Antiga que hoje não são mais as nossas, ou com outras palavras: que une e que separa a comunidade pós-vetero-testamentária da situação dos primeiros ouvintes dêste texto e dos que o transmitiram?

3) Como a comunidade de Jesus Cristo como tal entende êste texto, ou com outras palavras: Que significa o evento de Cristo, historicamente, para a compreensão do texto?

4) Quais as indicações que o próprio texto dá, não apenas com relação ao conteúdo, mas também quanto à forma e à disposição de sua pregação? Perguntando mais ainda: Quais as referências que faz o texto ao fato de ser, êle mesmo, já transmitido e não somente isso, mas atualizado e pregado em nossa situação?

5) Quais as dificuldades de compreensão específicas, que êste texto oferece para a comunidade de hoje, dificuldades sobretudo resultantes da distância considerada historicamente, e que são:

- a) de caráter vocabular
- b) de conteúdo objetivo (reais)
- c) de pensamento e de idéias (da cosmovisão hebraica), e quais as propostas que devem ser feitas para superá-las sem manipular analogias precipitadas e conceituações inexatas?

Estas cinco perguntas diretrizes para a meditação de textos do A.T., acentuadamente relacionadas entre si, com as quais trabalhamos atualmente no seminário vetero-testamentário hermenêutico, não pretendem ser completas nem reclamam uma prioridade objetiva em sua sequência, nem devem ser compreendidas — falando figuradamente — como espécie de rede que se poderia de princípio, lançar sobre cada texto e desta maneira apanhá-lo infalivelmente. Desejaria que fôssem entendidas como uma tentativa de converter as ponderações fundamentais que acima apresentamos sob o nosso tema, na prática da pregação. Porque, caso as posições acima enfocadas estejam certas, mesmo se só aproximadamente, para a nossa Igreja Evangélica no futuro tudo depende de um novo acesso aos textos do A.T. e da questão se podemos integrá-lo novamente, deixando integrar, por êle, a nossa existência.

Falando do ponto de vista do N.T. perguntamos, se permanecemos fiéis ao compromisso expresso em Rom. 15,4 que reza: "Tudo quanto outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência, e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperanças".

**Dr. H. Strauss**